

## DEUSES E DEUSAS NA FORMAÇÃO CULTURAL DE ISRAEL

*Fydel Souza Santiago\**

### INTRODUÇÃO

Independente da época, as sociedades e as religiões não são uma massa impermeável, imutável e imune as interações culturais. Antes, as sociedades têm suas estruturas alteradas pelas relações culturais, como uma teia<sup>1</sup> ou superfície porosa que permite interação e troca com outras realidades. O mesmo princípio pode ser aplicado as religiões em seu processo de constantes mudanças.

Israel antigo, como outras sociedades de sua época, vivenciou este processo em sua interação religiosa. Ainda que as narrativas bíblicas, em especial do Antigo Testamento, insistam em afirmar a supremacia de YHWH, isto não significa a inexistência de outras divindades. Ao usar termos como outros deuses, idolatria, apostasia e afins, os autores denunciavam a proximidade que Israel tinha com outras divindades. Muitos deuses são nominados<sup>2</sup> demonstrando não um conhecimento distante, mas de relação com seus ritos, celebrações e sacrifícios. Tal diversidade de deuses ocorria não apenas em número, mas também em gênero.

Ainda que silenciados nas narrativas bíblicas esses deuses eram presentes em todos os grupos sociais e nas diversas relações. A presença desses deuses em Israel não se dava por uma imposição de uma elite dominante as classes subalternas ou mesmo era o triunfo de uma cultura popular sobre a elite. Havia era uma circularidade cultural<sup>3</sup>, onde os elementos religiosos se relacionavam demonstrando que a sociedade é feita de trocas as quais são justificadas culturalmente<sup>4</sup>.

Assim, o cenário religioso do antigo Israel era povoado de deuses e deusas que se sobrepunham as divindades locais conforme as relações comerciais, culturais e conquistas bélicas ocorriam.

### AS FRONTEIRAS DO SAGRADO: DEUSES E DEUSAS NO ANTIGO ISRAEL

Como tantos outros povos de sua época, Israel conviveu com uma diversidade de deuses cultuados nas religiões das nações vizinhas e, durante, muito tempo isto não se constituiu um problema, ainda mais religioso. A convivência com os povos circunvizinhos era fluída ou porosa,

\* Mestrando em Ciências das Religiões na Faculdade Unida. econ\_fydel@hotmail.com.

<sup>1</sup> Geertz assim como Weber, defende que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumindo a cultura como sendo essas teias e a sua análise”. Ela não pode ser reduzida a uma ciência em busca de regras, mas de interpretação, uma busca de significado (GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 13ª reimp. LTC: Rio de Janeiro, 2008).

<sup>2</sup> Baal, Astarote, Camos, Amon e outros são alguns deuses mencionados no Antigo Testamento.

<sup>3</sup> Conceito desenvolvido por Carlo Ginzburg, considerando que visto que, os elementos de cada cultura estavam infiltrados entre si, cada um à sua maneira, confundindo-se entre o erudito e o popular (GINZBURG, Carlo. *O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987).

<sup>4</sup> STARK, Rodney. BAINBRIDGE, William Sims. *Uma teoria da religião*. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 79.

com trocas de experiências culturais e religiosas<sup>5</sup>. Essa inter-relação constante era vista como fator de desagregação em Israel, pois a atração religiosa a outros deuses, em especial dos cananeus, ocasionou grave desunião<sup>6</sup>.

Os deuses e deusas cultuados em outras nações vizinhas a Israel ou com as quais manteve contato eram diversos não apenas em número, mas também em gênero, formando, por vezes, não apenas um casal, mas um núcleo familiar divino.

Na Babilônia, os principais deuses eram Apsu, o pai dos deuses, e Tiamat, a Deusa-mãe, ambos descritos no poema *Enuma Elish*. No Egito, Osiris e Isis, eram o casal primordial que liderava sobre diversos deuses. Os acádios, Anu era o deus do céu, das constelações, rei dos espíritos e dos demônios. Ele é ainda pai dos deuses na Suméria. A deusa Ishtar era grandemente reverenciada na Acádia, juntamente com seu consorte, o deus Ilaba. Na cidade-estado Ugarit, o deus supremo era El, que tinha a companhia dos deuses Shahr e Shalim.<sup>7</sup>

Assim, a concepção de divindades femininas em Israel não era algo estranho ao seu imaginário religioso. No panteão das divindades não era incomum a existência de deusas que, em sua grande maioria personificavam atributos como o amor, a paz, a beleza, a fecundidade e a fertilidade. Atribuir as deusas poderes vinculados à vida e sua renovação, parte da percepção do ciclo gestacional comum as mulheres. O exemplo, foi o culto a Inana na Suméria, considerada a Deusa Mãe<sup>8</sup>.

Diversas descobertas arqueológicas em túmulos e casas particulares de importantes cidades de Israel dos séculos VIII-VII a.C., mostram estatuetas-postes que retratam a figura feminina. Nelas os seios são destacados e sustentados pelas mãos e, possivelmente, representam a deusa Asherah<sup>9</sup>.

Em Israel as divindades femininas mais presentes no cenário religioso eram Ishera e Ishtar. No Israel Antigo, não apenas as mulheres serviam as divindades femininas, mas, por vezes, toda a família<sup>10</sup>. As deusas-mães Asherah e Ishtar, de origem cananéia e babilônica, eram as mais cultuadas<sup>11</sup>. Asherah teve grande influência religiosa em Israel, como revelam inscrições arqueológicas achadas em Kuntillet 'Ajrud (a colina solitária dos poços de água). Um dos jarros contém bênçãos e orações com a inscrição: Abençôo-vos em YHWH de Samaria e sua Asherah<sup>12</sup>. Outra inscrição: “Diz Amarjahu: Diga ao meu senhor: Estás bem? Abençoo-te em YHWH de Teman e sua Asherah. Ele te abençoe e te guarde e com meu senhor”<sup>13</sup>.

Outra inscrição, datada do século 8º e 7º a.C., destaca a função protetora de Ashera em relação à YHWH. Nela se afirma “Bendito seja Uryahu por Javé (*Iyhw*), Asherah sua luz, que mantém sua mão sobre ele, por sua *ryp*, que...”<sup>14</sup>.

<sup>5</sup> REIMER, Haroldo. Monoteísmo e identidade. In.: Imaginários da divindade. Ivone Richter Reimer (org.). UCG: Goiânia, 2008. p. 17.

<sup>6</sup> Alguns israelitas podem ter tido uma sutil atração pela riqueza dos cananeus. Eles possuíam casas bonitas, arte esplêndida, literatura de excelente qualidade, bons laços comerciais com o oriente e uma aparente superioridade em todos os aspectos em relação ao povo de Israel. Os israelitas insensatos podem ter-se inclinado a associar esta riqueza com algum favor dos deuses de Canaã e, como resultado, ter rejeitado a fé mais simples e nada sensual de Israel. THOMPSON, John A. A bíblia e a arqueologia – quando a ciência descobre a fé. São Paulo: Vida Cristã, 2007. p. 114.

<sup>7</sup> A CRIAÇÃO E O DILÚVIO: segundo os textos do Oriente Médio Antigo. Vários autores. Trad. M. Cecília de M Duprat. São Paulo: Paulus, 1990. p. 115.

<sup>8</sup> OTTERMANN, Monika. Morte e ressurreição na Suméria: a descida a inferno de Inana e de Dumizi e processos de posse e perda de poderes divinos e humanos. Oráculos. São Bernardo do Campo, v. 2 n. 2. 2006. p. 3.

<sup>9</sup> RÖMER, Thomas. A origem de Javé: o Deus de Israel e seu nome. São Paulo: Paulus, 2016. p. 165.

<sup>10</sup> “As crianças juntam lenha, os pais acendem o fogo e as mulheres preparam massa para fazer bolos à rainha dos céus”. Jeremias 7.18a. BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA. São Paulo: Loyola, 1994.

<sup>11</sup> FOHRER, Georg. História da Religião de Israel. São Paulo: Paulus/ Santo André: Academia Cristã, 2008. p. 225.

<sup>12</sup> MAZAR, Amihai. Arqueologia na terra da bíblia – 10.000 – 586 a.C. trad. Ricardo Gouveia. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 426.

<sup>13</sup> CORDEIRO, Ana Luísa Alves. Onde estão as Deusas? Asherah, a Deusa proibida, nas linhas e entrelinhas da Bíblia. São Leopoldo: Cebi, 2011. p. 27.

<sup>14</sup> CROATTO, Severino. A deusa Aserá no antigo Israel. A contribuição epigráfica da arqueologia. In: Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, n. 38. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 32-44.

Em geral essas deusas tinham grande influência no cotidiano religioso destas nações. A deusa de origem assíria/babilônica Astarote ou Astarte, citada como a rainha dos céus pelo profeta Jeremias (7.18) tinha a reputação de conceder fertilidade, o que envolvia procriação e adoração sexual, pois ter filhos era sinal de benção divina. Para os egípcios Astarote era Isis e para os gregos Afrodite.

Quando o culto a Asherah foi proibido e seus altares destruídos (2 Reis 23.4-7), seus atributos foram transferidos a YHWH, principalmente à fecundidade. Nesse período YHWH começa a surgir como um Deus solitário, único e sem consorte. Essa imagem é reforçada principalmente por seus traços masculinos.

Quase todos os textos bíblicos são categóricos em representar Deus com traços masculinos. Os escritos dos profetas Oséias, Jeremias, Ezequiel e Dêutero-Isaías são os que mais destacam esta imagem. Embora abundantes nestes profetas, muitas outras passagens também destacam essa imagem masculinizada de Deus.

a corporeidade de YHWH recebe claramente contornos de sexualidade masculina, pois os textos em geral, trabalham com a metáfora do casamento, concebendo YHWH como o homem-marido fiel e Israel como a mulher-esposa, geralmente infiel e/ou prostituta.<sup>15</sup>

Essa imagem masculina YHWH foi construída no pós-exílio babilônico. A cultura politeísta nesta nação destacava as deusas, que tinham poder, principalmente, sobre a fertilidade. No panteão de deuses babilônicos a deusa-mãe Tiamat e o deus-pai Apsu eram o casal que deram origem aos demais deuses. A deusas Asherah e Ishtar contribuíram na construção da imagem masculina de YHWH em Dêutero-Isaías, dando-lhe traços femininos, conforme percepção de Matos, pois

durante o exílio temos a constituição do monoteísmo de fato, com a finalidade de reafirmar Javé como Deus único diante dos Deuses babilônios, considerados mais poderosos. No pós-exílio, no entanto, Javé é caracterizado fortemente pelos sacerdotes como único e homem, varão. As Deusas, portanto, são expulsas do javismo, principalmente Ishtar, pois ela é a maldade personificada e precisa voltar para sua casa, a Babilônia, (cf Zacarias 5.5-11).<sup>16</sup>

No entanto, a maioria dos textos no Antigo Testamento que descrevem YHWH o destaca com características corporais masculinas, bem como exercendo papéis ou funções próprias do universo masculino. Seus títulos, tais como, pai, pastor, conselheiro, consolador, Deus forte, noivo, marido e outros reforçam ainda mais esta imagem masculinizada.

Alguns poucos textos tentam romper esta imagem retratando Deus com características e tarefas femininas, possibilitando concebê-lo como uma mulher grávida (Salmo 2.7b), uma mãe que amamenta e ensina o filho a caminhar (Oséias 11.3,4) e alguns outros exemplos. Na cultura do Israel antigo, Javé adquiriu características paternas e maternas, mas também se separou dos deuses e deusas das outras culturas. Croatto afirma que ao “simplificar o casal Deus-Deusa, a balança inclinou-se para o lado masculino”<sup>17</sup>, reflexo da cultura patriarcal da época. Assim o deus invisível e informe, tomou forma e esta de homem.

Por fim, ao negar a possibilidade de uma consorte para Deus, afasta-se também uma imagem sensual da divindade.

## REFERÊNCIAS

<sup>15</sup> REIMER, Haroldo. A corporeidade de Deus. In.: Inefável e sem forma – estudos sobre o monoteísmo hebraico. São Leopoldo: Oikos; Goiânia:UCG, 2009. p. 97.

<sup>16</sup> MATOS, Sue'Hellen Monteiro de. A influência das deusas Asherah e Ishtar na construção da imagem materna de Javé em Dêutero-Isaías. Âncora - Revista Digital de Estudos de Religião. Vol. IX – Ano 9. 2014 p. 8.

<sup>17</sup> CROATTO, Joaquim Severino. A sexualidade da divindade: reflexões sobre a linguagem acerca de Deus. Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana, Petrópolis, n. 38, 2001. p. 21.

- A CRIAÇÃO E O DILÚVIO: *segundo os textos do Oriente Médio Antigo*. Vários autores. Trad. M. Cecília de M Duprat. São Paulo: Paulus, 1990.
- BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA. São Paulo: Loyola, 1994.
- CORDEIRO, Ana Luísa Alves. *Onde estão as Deusas? Asherah, a Deusa proibida, nas linhas e entrelinhas da Bíblia*. São Leopoldo: Cebi, 2011.
- CROATTO, Joaquim Severino. *A sexualidade da divindade: reflexões sobre a linguagem acerca de Deus*. Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana, Petrópolis, n. 38, 2001.
- \_\_\_\_\_. *A deusa Aserá no antigo Israel. A contribuição epigráfica da arqueologia*. In: Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, n. 38. Petrópolis: Vozes, 2002.
- FOHRER, Georg. *História da Religião de Israel*. São Paulo: Paulus/ Santo André: Academia Cristã, 2008.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 13ª reimp. LTC: Rio de Janeiro, 2008.
- GINZBURG, Carlo. *O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987).
- MATOS, Sue'Hellen Monteiro de. *A influencia das deusas Asherah e Ishtar na construção da imagem materna de Javé em Dêutero-Isaías*. Âncora - Revista Digital de Estudos de Religião. Vol. IX – Ano 9. 2014
- MAZAR, Amihai. *Arqueologia na terra da bíblia – 10.000 – 586 a.C.* trad. Ricardo Gouveia. São Paulo: Paulinas, 2003.
- OTTERMANN, Monika. *Morte e ressurreição na Suméria: a descida a inferno de Inana e de Dumizi e processos de posse e perda de poderes divinos e humanos*. Oracula. São Bernardo do Campo, v. 2 n. 2. 2006.
- REIMER, Haroldo. *A corporeidade de Deus*. In.: Inefável e sem forma – estudos sobre o monoteísmo hebraico. São Leopoldo: Oikos; Goiânia:UCG, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Monoteísmo e identidade*. In.: Imaginários da divindade. Ivone Richter Reimer (org.). UCG: Goiânia, 2008.
- RÖMER, Thomas. *A origem de Javé: o Deus de Israel e seu nome*. São Paulo: Paulus, 2016.
- STARK, Rodney. BAINBRIDGE, William Sims. *Uma teoria da religião*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- THOMPSON, John A. *A bíblia e a arqueologia – quando a ciência descobre a fé*. São Paulo: Vida Cristã, 2007.